

A midiatização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja

La mediatización del activismo en las coberturas de G1 y el Mídia Ninja

The mediatization of activism on the coverages of G1 and the Media Ninja

*Maria Clara Aquino Bittencourt*¹

Resumo *Este trabalho compara as coberturas realizadas pelo coletivo midiático Mídia Ninja e pelo site de notícias G1 sobre a desocupação de imóveis na Favela do Metrô, no Rio de Janeiro. A partir do entendimento de que ocorre um processo de midiatização do ativismo na atuação do Mídia Ninja, discute-se a relação entre essa atuação e o modelo comunicacional que fundamenta as práticas da mídia de massa, diante das oportunidades de mídia adotadas pelo coletivo.*

Palavras-chave: *Coletivos midiáticos; Oportunidades de mídia; Midiatização; G1; Mídia Ninja*

Resumen *Este artículo compara las coberturas realizadas por el colectivo de medios Mídia Ninja y el sitio web de noticias G1 de la evacuación de edificios en la Favela del Metro, en Rio de Janeiro. A partir de la comprensión de que se produce un proceso de mediatización del activismo en el desempeño de Mídia Ninja, se analiza la relación entre esta actividad y el modelo de comunicación que subyace a las prácticas de los medios de comunicación, ante las oportunidades de los medios de los cuales hace uso el colectivo.*

Palabras-clave: *Colectivos de medios; Oportunidades de los medios, Mediatización, G1, Mídia Ninja*

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, bolsista da CAPES, São Leopoldo, RS, Brasil; aquino.mariacarla@gmail.com.

Abstract *This paper compares the coverage held by the collective media Mídia Ninja and G1 news website of the evacuation of buildings at Favela do Metrô, in Rio de Janeiro. From the understanding that occurs a process of mediatization of activism on the role of Mídia Ninja, it discusses the relationship between this activity and the communication model that underlies the practices of the mass media, in the face of media opportunities adopted by the collective.*

Keywords: *Collective media; Media opportunities; Mediatization; G1; Mídia Ninja*

Data de submissão: 28/1/2014

Data de aceite: 14/3/2014

Introdução

Vozes de movimentos e mobilizações sociais há muito ecoam pelos meios de comunicação, mas o uso de ferramentas de comunicação em práticas ativistas não abrange só a divulgação de atos políticos. Na ocasião dos protestos contra o G8, em 2005, Cammaerts (2013, p. 23) lembra os coletivos formados por ativistas radicais, que tendem a “de um lado monitorar a representação deles pela mídia e produzir refutações imediatas, e, por outro, gerenciar o interesse dos jornalistas, servindo tanto como *gatekeeper* quanto como um abre-alas, um amortecedor entre a mídia e o movimento”. Tais coletivos se aproximam e ao mesmo tempo se distanciam do entendimento sobre a expressão *coletivos midiáticos* aqui empregada. Os coletivos citados por Cammaerts surgem de grupos organizados, inicialmente, em torno de causas específicas, que passam a monitorar suas representações na mídia e a produzir enunciados em defesa de suas causas e atos. Os coletivos, potencializados no Brasil a partir de junho de 2013, são enquadrados aqui como midiáticos, compostos de indivíduos que, através do uso de *sites* de redes sociais, plataformas e dispositivos de comunicação digital, produzem e fazem circular conteúdos sobre protestos e atos decorrentes de mobilizações organizadas dentro e fora das redes digitais, e que atuam de forma independente da mídia de massa, podendo ou não participar da organização de atos e protestos de rua. O que aproxima esses dois tipos de coletivo é o ativismo em suas ações de fins midiáticos. O que os distancia é que, desde 2005, o desenvolvimento de ferramentas de comunicação digital cresceu exponencialmente, e a apropriação de *sites* de rede social e dispositivos móveis de comunicação, principalmente, tem contribuído para transformações em processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos no contexto dos movimentos e mobilizações sociais em rede.

Constituído em março de 2013, antes dos protestos que eclodiram em junho, o coletivo midiático Mídia Ninja² alcançou expressiva re-

² Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (<https://www.facebook.com/midiaNINJA>) é uma iniciativa de cobertura colaborativa da rede de coletivos culturais Fora do Eixo (<http://foradoeixo.org.br>).

representatividade a partir da cobertura colaborativa dos protestos realizada através da publicação de conteúdos em *sites* de rede social como Facebook e Twitter³. Em agosto de 2013, Pablo Capilé e Bruno Tortura, idealizadores do Mídia Ninja, participaram do programa *Roda Viva*, da TV Cultura⁴. Essa participação gerou manifestações *on-line* contra a iniciativa e a favor dela, além de textos e matérias que provocaram a divulgação de notas de resposta pelo Mídia Ninja às acusações diversas sobre as práticas do coletivo, e principalmente da rede Fora do Eixo. Em resposta a questionário feito por esta autora ao Mídia Ninja, o coletivo afirma que busca realizar um trabalho com base na noção de mídia independente fundamentado na colaboração, com o objetivo de dar espaço a múltiplas vozes, na tentativa de se diferenciar das mídias de massa⁵. Passados os momentos mais significativos das jornadas de junho, o coletivo permanece produzindo e publicando conteúdo de forma colaborativa, abrangendo não apenas protestos de rua, mas também a cobertura de eventos e temas relacionados às causas diversas que compõem a agenda de manifestações pelo país. Entre as coberturas realizadas pelo Mídia Ninja está a da desocupação de imóveis que aconteceu entre os dias 7 e 9 de janeiro de 2014, na Favela do Metrô, na Mangueira, no Rio de Janeiro.

O estudo desse caso pretende contribuir para a pesquisa sobre os processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos em rede. O objetivo é comparar as coberturas dessa desocupação realizadas pelo coletivo Mídia Ninja e pelo *site* de notícias G1⁶, apontando aproximações e distanciamentos entre as duas. A partir do entendimento de que ocorre um processo de midiatização do ativismo na atuação do coletivo midiático Mídia Ninja, discute-se a relação entre essa atuação e o

³ A *fanpage* do coletivo no Facebook acumula mais de 236 mil *likes*, e o perfil do coletivo no Twitter tem mais de 24 mil seguidores. Dados de janeiro de 2014.

⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QISM>>. Acesso em: 14/1/2014.

⁵ As respostas ao questionário fazem parte de outro artigo desta autora, porém julgamos conveniente citar esta resposta do coletivo sobre sua atuação diante da mídia de massa.

⁶ Assim como a escolha do coletivo se dá pela representatividade avaliada pelo número de seguidores nas redes sociais, a escolha do G1 se deu através de levantamento que aponta o portal Globo.com como o sexto *site* mais acessado no Brasil (<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>). O recorte pelo G1 é justificado pela concentração de conteúdo informativo que o *site* de notícias possui dentro do portal Globo.com.

modelo comunicacional que fundamenta as práticas da mídia de massa, diante das oportunidades de mídia adotadas pelo coletivo.

Contextualizando as oportunidades de mídia

Para compreender as atuais tendências sobre mediação de protestos e práticas midiáticas e de comunicação de ativistas, Cammaerts (2013, p. 14) considera o conceito de mediação importante para entender o papel da mídia e da comunicação para os protestos e o ativismo. Para o autor, a mídia e a comunicação permitem e limitam ativistas e ativismo no atual contexto midiático, tornando-se instrumentos capazes de articular identidades coletivas, disseminar estruturas de movimentos e mobilizações, coordenar e até constituir ações diretas por conta própria. Gohn (2010) explica que a apropriação de diferentes ferramentas de comunicação por movimentos sociais fortalece possibilidades de articulação e estratégias de visibilidade, reconfigurando formas de organização e de ações. O emprego de novas práticas por diferentes movimentos justifica, para Gohn (2004), a existência de um questionamento de estruturas que passa pela proposição de novas formas de organização para a sociedade política, o que garante o seu enquadramento como inovadores e indicadores de mudança social.

Na mesma linha, a atuação de coletivos midiáticos vem sendo guiada por tentativas de práticas comunicacionais diferentes das empregadas pela mídia de massa, no esforço de reconfigurar processos de produção, circulação e consumo de conteúdos a partir de práticas mais colaborativas e democráticas. As potencialidades oferecidas pelo meio *on-line* servem para garantir o espalhamento (JENKINS, FORD e GREEN, 2013)⁷ dos conteúdos produzidos por esses coletivos, e o ativismo característico das ações e protestos de rua é incorporado nas estratégias comunicacionais de produção e nas formas de circulação das mensagens publicadas.

⁷ Os autores abordam o conceito de espalhamento a partir da ideia de transição de um modelo baseado na distribuição para um emergente modelo híbrido de circulação. A mistura de forças de cima e de baixo determina como as mensagens podem ser compartilhadas por diferentes culturas através de formas que vêm conduzindo a maneira como as pessoas interagem entre si nos movimentos sociais deflagrados nos últimos três anos.

Essas tentativas não são recentes, e algumas acabam reproduzindo lógicas distributivas semelhantes às de processos da mídia de massa, tolhendo a configuração de práticas comunicacionais voltadas à exploração das funções sociais das mídias. Ao contestar Enzesberger e McLuhan sobre a existência de uma estrutura inerente aos meios de comunicação tecnologicamente, Baudrillard (1972) argumentava sobre a função social dos meios e dizia que alguns grupos de militância política insistiam em práticas comunicacionais arcaicas, como que resistindo às possibilidades dos meios eletrônicos da época. Ainda que longe de abrir mão das oportunidades de mídia existentes hoje, potencializadas pela digitalização de processos, nota-se a força de um enraizamento de comportamentos e lógicas. A reprodução de papéis, alguns mecanismos de hierarquia na produção e na distribuição da informação e a, por vezes, limitada exploração de oportunidades dialógicas atuam como mecanismos que acabam limitando a exploração de alternativas para a constituição e a consolidação de novos modelos comunicacionais. Apresentamos mais adiante uma análise que pretende dar conta deste argumento.

Recuperando práticas ativistas que envolvem o uso de mídias é possível citar, por exemplo, a noção de mídia tática e o *culture jamming*. Garcia e Lovink (1997) definem as mídias táticas pelo uso de mídias do tipo “faça você mesmo” por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos pela cultura dominante. Clinio (2013) cita como exemplo ações de ativistas, como veiculação de programas de rádio em transmissores de baixa potência, vídeos feitos com câmeras digitais e distribuídos pela internet e a atuação de programadores de *software* livre. O termo “tática” decorre dos estudos de Michel de Certeau (1994), que identifica práticas cotidianas como formas de uso empreendidas na fuga da passividade, tendo em vista o fim da massificação de comportamentos. As táticas, para Certeau, não se conformam com mecanismos de disciplina e são utilizadas para alterá-los. O *culture jamming* é uma tática aplicada com o objetivo de romper ou subverter a cultura midiática *mainstream*. Pode ser considerado um conjunto de práticas de uso tático de mídias e baseia-se na sabotagem midiática (MEIKLE, 2002), algumas vezes incorporando o ruído, que pode provocar interpretações diversas. Como exemplos de

culture jamming estão a subversão de conteúdos publicitários, a criação de notícias falsas e a alteração de *outdoors*.

Ao longo dos anos, essas e outras práticas foram se misturando a outros tipos de ações ativistas. Em 1999, durante as manifestações que constituíram a Batalha de Seattle⁸, nos Estados Unidos, destacou-se o fortalecimento da mídia independente, anteriormente incorporada ao cotidiano de grupos e ações ativistas. Insatisfeitos com a cobertura dos protestos realizada pelos meios de massa, anarquistas e ativistas criaram o Centro de Mídia Independente⁹, através do projeto *Indymedia*, que acabou se espalhando por diversos países. O objetivo, semelhante ao de coletivos que hoje se destacam na cobertura dos protestos no Brasil, era realizar uma cobertura colaborativa e alternativa, descolada da mídia convencional e veiculada pela internet. Naquela época, no entanto, não se falava em *web 2.0*, e a telefonia móvel ainda engatinhava em vários países, de modo que a conexão sem fio por dispositivos móveis ainda não havia se popularizado. Ainda assim, eram dados os primeiros passos em direção à constituição de um modelo de comunicação guiado pela convergência de formatos, pelo espalhamento de conteúdos e pela colaboração nos processos de produção e circulação. Em 2001, com os atentados ao World Trade Center e a conseqüente Guerra do Iraque que eclodiu em 2003, novamente a mídia independente ganhou força e visibilidade, através dos *warblogs* (RECUERO, 2003), blogs de autoria de jornalistas e cidadãos que narravam os acontecimentos sobre a guerra a partir de perspectivas locais e desvinculadas da distribuição de notícias pela mídia de massa.

No dia 11 de março de 2004, Madri sofreu uma série de atentados a quatro comboios de sua rede ferroviária. Os ataques foram atribuídos a uma célula islamita. No dia 7 de julho de 2005, foi a vez de Londres. Uma série de explosões atingiu o sistema de transporte público da

⁸ Em protesto contra o encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) na cidade, cerca de 100 mil manifestantes se mobilizaram por vários dias, declarando-se independentes, sem qualquer ligação partidária. As causas das manifestações eram diversas, como protestos contra o avanço de políticas neoliberais, contra a degradação ambiental, pela manutenção de direitos trabalhistas, de repúdio ao capitalismo global, entre outras questões.

⁹ Disponível em: <<http://www.indymedia.org/>>.

cidade. Grupos islâmicos assumiram a autoria dos ataques. Além de semelhanças óbvias entre os atentados, destacou-se o uso dos celulares para avisar parentes de vítimas e registrar imagens e vídeos sobre os acontecimentos. Os registros circularam pela internet e também foram utilizados em telejornais, para cobrir a carência de registros no local dos fatos. O uso desses dispositivos em contexto de mobilizações em rede teve início através das mensagens de texto, ampliando-se com o passar dos anos para a publicação de conteúdo em *sites* de redes sociais (MONTERDE e POSTILL, 2013). Essa mesma prática de registro e cobertura através de dispositivos móveis, além de recorrente em movimentos e protestos de rua, vem sendo repetida em desastres naturais, acidentes e atentados diversos.

A partir de 2009, algumas mobilizações em rede começaram a se multiplicar, de modo que características atreladas à categoria de rede mencionadas por Gohn (2010), como circulação, fluxo, troca, intercâmbio de informações, compartilhamento, intensidade, colaboração, inovações, diversidade de articulação, descentralização, maior agilidade, entre outras, se encaixam nos atos e protestos que acontecem em diferentes países, como, por exemplo, o Occupy Wall Street (2010), nos Estados Unidos, e a Primavera Árabe (2010), no Oriente Médio. Mobilizações como estas tiveram início com pequenos atos, que, organizados a partir de redes digitais de comunicação, impulsionadas ou não pela força de movimentos sociais já consolidados, ganharam as ruas, aumentando em proporção e significado em seus países e pelo mundo. Os acontecimentos anteriores de apropriação dessas tecnologias certamente contribuíram para a utilização de dispositivos e redes digitais na constituição dessas mobilizações.

Ainda que difiram entre si pelos contextos em que ocorreram, os exemplos citados aproximam-se quanto às formas de adoção e apropriação de tecnologias digitais para a organização e comunicação de ações coletivas com fins ativistas, entre outros acontecimentos, envolvendo pessoas e causas variadas. E, mais do que isso, além da instrumentalização das tecnologias para a rotina das lutas, tais usos e apropriações provocam transformações nos processos de produção, circulação

e consumo de conteúdos sobre as mobilizações em rede (CASTELLS, 2012; MALINI e ANTOUN, 2013). Di Felice (2013) destaca não só a incorporação da internet em práticas ativistas, mas também a maneira como a rede transformou o ativismo e conceitos como participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política. O uso da internet, além de dar suporte a causas globais e locais, passou a servir como arquitetura para difusão de informações, promoção coletiva de ideias e canais de participação. Sem desconsiderar limitações, ampliam-se as oportunidades de mídia, e o aproveitamento dessas oportunidades é capaz de refletir na estrutura comunicacional do campo midiático¹⁰ (BOURDIEU, 1983).

Midiatização das oportunidades

Recorrendo a Gamson e Wolfsfeld (1993) para entender como movimentos sociais dependem da mídia, Cammaerts (2013, p. 15) cita três finalidades inter-relacionadas: mobilização de suporte político, aumento da legitimidade e validação de demandas e permissão para que a abrangência do conflito se expanda. O que o autor descreve como estrutura de oportunidade de mídia é a “extensão até a qual esses movimentos são capazes de atingir e transmitir suas mensagens pela grande mídia ou não, seu grau de influência cultural na esfera pública, que invoca questões de acesso à mídia”. Ainda que um coletivo midiático não se configure, completamente, como um movimento social, também constrói processos comunicacionais em torno das finalidades mencionadas. A diferença é que essa atuação vem acontecendo de forma descolada da mídia de massa, através de mídias diversas pelas quais a produção e a circulação de conteúdo são baseadas em processos colaborativos.

Tais processos reúnem a abordagem de pautas e uma atuação política na rotina de produção e circulação dos conteúdos, com vistas ao crescimento da mobilização em torno de uma ou várias causas. Ao

¹⁰ Bourdieu (1983) trabalha com as relações entre os campos de uma sociedade setorializada em áreas especializadas, na qual o papel do campo midiático é servir de canal para que os outros campos explicitem seus procedimentos perante a sociedade e assim adquiram legitimidade.

analisar o 15M, sistema rede de movimentos na Espanha, Toret (2012) aponta como a apropriação de diferentes plataformas e dispositivos tecnológicos foram decisivos para a constituição de ações políticas, através de um processo sociotecnológico. Assim, identifica-se também a busca pelo aumento de legitimidade, pela defesa e, conseqüentemente, pela validação de demandas, e pelo trabalho que visa impulsionar a visibilidade de seus conteúdos, ampliando a visibilidade dos conflitos e causas que procura expor em suas publicações. O conceito de tecnopolítica de Toret (2012) ampara esse conjunto de finalidades que mescla objetivos comunicacionais e políticos no cotidiano de processos comunicacionais em torno de causas e demandas: o uso tático e estratégico de dispositivos tecnológicos (incluindo redes sociais) para a organização, comunicação e ação coletiva¹¹. Essas finalidades aparecem ora na própria autodescrição desses coletivos, ora nos conteúdos das publicações e nas estratégias e planejamentos elaborados para a condução das atividades comunicacionais cotidianas.

As oportunidades de mídia disponíveis para os coletivos extrapolam o campo midiático composto pela televisão, pelos jornais e pelas rádios. A internet reconfigura o espaço de fluxo comunicacional através do qual todas essas finalidades serão almeçadas e atingidas, mas é relevante apontar que, por mais que esse descolamento da mídia de massa faça parte dos objetivos de um coletivo, por vezes esses grupos recorrem a veículos de massa na busca por informação, reverberando determinados discursos e até reproduzindo práticas que rechaçam. Em alguns casos, valorizam a menção a seus conteúdos em veículos de massa¹², ainda que o objetivo principal não seja o de que a visibilidade buscada nas ações comunicacionais seja atingida através da mídia de massa, mas sim através de canais alternativos, independentes de interesses comerciais e com base, teoricamente, na colaboração.

¹¹ Do original: "el uso tático y estratégico de dispositivos tecnológicos (incluyendo redes sociales) para la organización, comunicación y acción colectiva".

¹² Coletivos como o Mídia Ninja e o RioNaRua, que responderam ao questionário elaborado no âmbito desta pesquisa e explorado em outro texto, afirmaram valorizar a exposição de seus conteúdos na mídia de massa, ainda que tenham afirmado que suas atuações são pensadas para diferenciar-se da atuação da mídia de massa.

A estrutura de oportunidade de mídia, à qual se refere Cammaerts (2013), faz parte de uma estrutura maior, de oportunidade de mediação, composta pelas estruturas de oportunidade discursiva e de oportunidade em rede. Enquanto as oportunidades discursivas remetem à construção do discurso do movimento, as oportunidades em rede referem-se ao planejamento das mobilizações. Novamente, a aproximação entre a atuação de um movimento social e a de um coletivo midiático pode ser efetuada para trabalhar as três estruturas de oportunidade: mídia, discurso e rede. As oportunidades de mídia pelas quais transita um coletivo midiático ampliam-se a partir da internet e das ferramentas baseadas na lógica de rede (CASTELLS, 2002)¹³. O discurso se beneficia a partir do espalhamento (JENKINS, FORD e GREEN, 2013) e, com vistas à circulação, é elaborado a partir do conteúdo projetado para o meio pelo qual irá circular. Essa estrutura de oportunidade de mediação vem sendo usada pelos coletivos midiáticos a partir, principalmente, do uso de *sites* de redes sociais, nos quais é possível estabelecer um determinado discurso, ao mesmo tempo que também se organizam ações coletivas, tudo impulsionado pela coletividade que trabalha para potencializar a visibilidade dos conteúdos.

Há, no entanto, a reprodução de práticas que remontam aos moldes unilaterais das mídias de massa, impedindo o fluxo e a transformação dos processos comunicacionais. Baudrillard (1972, p. 281), antes mesmo da constituição do presente cenário, afirmava que a ideia de que haja consumidores de mídia, hoje recorrente, impede a ideia de troca através dos meios: “o consumo de produtos e mensagens é a relação social abstrata que eles estabelecem, a proibição erguida contra todas as formas de resposta e reciprocidade”¹⁴. Não é incomum a verificação de que, ainda que possíveis, a resposta e a reciprocidade não se configuram mínima ou plenamente na relação entre produtores e consumidores de conteúdos

¹³ Castells (2002) aborda a lógica da rede a partir do desenvolvimento das TICs, sob o ponto de vista de uma estrutura reticular e horizontal que caracteriza um novo paradigma comunicativo e produtivo. O acesso às redes e as possibilidades de troca são determinantes para a inclusão no que ele chama de sociedade em rede.

¹⁴ Do original: “The consumption of products and messages is the abstract social relation that they establish, the ban raised against all forms of response and reciprocity”.

midiáticos – seja na mídia de massa, seja no contexto comunicacional estabelecido pelos coletivos.

As oportunidades de mídia disponíveis para os coletivos midiáticos encontram-se inseridas em um espaço de fluxos (CASTELLS, 2002) pelos quais circulam conteúdos a partir de práticas comunicacionais que valorizam o elemento tecnológico como instrumento capaz de gerar visibilidade para um conjunto de informações e causas. Nesse espaço, estão presentes não só veículos de mídia independente, coletivos midiáticos e indivíduos capazes de criar e espalhar conteúdos, mas também a própria mídia de massa. Através de ferramentas de comunicação *on-line* que expandem os espaços de circulação de conteúdos, as mídias de massa misturam-se aos canais alternativos e independentes que muitas vezes surgem no ambiente *on-line*. Amplia-se, nesse sentido, a noção de midiaticização, que pode vir a se configurar a partir dos usos e apropriações de tecnologias digitais para a comunicação.

A ideia de midiaticização se refere à penetração das mídias no cotidiano, tendo em vista a constituição de um ambiente social midiaticizado (ASSIS, 2006). A onipresença de uma infraestrutura de comunicação, nesse sentido, permeia as atividades dos coletivos midiáticos, que, através da tecnologia, ampliam suas oportunidades de mídia, discurso e rede. Ferreira (2012) encara a midiaticização a partir da problemática da circulação intermediática. O autor considera a circulação no contexto dos dispositivos midiáticos e aborda a alternância de posição entre produtores e consumidores de conteúdos no contexto das redes sociais. O papel das tecnologias digitais é destacado pelo autor, que não nega possibilidades de alternância antes do surgimento dessas tecnologias, mas reconhece a aceleração desse processo com o desenvolvimento das mesmas. Fausto Neto (2008) considera que a midiaticização trabalha com o fato de que as mídias já não são mais apenas instrumentos de um processo de interação entre campos diversos. Transformaram-se em uma realidade mais complexa, constituindo “uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do ‘trabalho de sentido’”. Além da afetação mútua entre as mídias, estas influenciam outras práticas sociais e seus funcionamentos.

As mídias perdem a função auxiliadora e passam a referenciar o modo de ser da sociedade e dos processos de interação entre instituições e atores sociais.

A expansão da midiaticização teria o potencial de colocar produtores e consumidores na mesma realidade, estruturada por fluxos, ainda que na prática a paridade nas funções ainda não se efetive por completo. A interatividade, que se desdobra hoje em participação e compartilhamento, tem o potencial de ampliar o alcance desses discursos e, num certo nível, esses grupos acabam se tornando dependentes do elemento tecnológico para o alcance da representatividade e da transformação das relações sociais em torno da informação que circula. É fato que a apropriação midiática é recorrente no ativismo como instrumento de ação política, além do mero uso organizacional e estratégico. Ainda assim, a midiaticização do ativismo vem sendo maximizada a partir do desenvolvimento e dos usos de tecnologias digitais de comunicação.

Análise das coberturas

A partir de tais fundamentações e argumentações teóricas, discute-se a análise sobre as coberturas da desocupação de imóveis na Favela do Metrô, na Mangueira, no Rio de Janeiro, feitas pelo G1¹⁵ e pelo Mídia Ninja¹⁶. A partir da observação das publicações, compararam-se as formas pelas quais os fatos foram relatados, levando-se em consideração que o G1 é caracterizado como um *site* de notícias e o Mídia Ninja, como um coletivo midiático. Buscou-se aproximar e distanciar as coberturas, na tentativa de identificar traços do modelo da mídia de massa na rotina do coletivo, para tratar então da possibilidade de midiaticização das oportunidades de mídia.

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.com.br>>.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.facebook.com/midiaNINJA>>.

■ Sobre o caso de desocupação

Antes mesmo dos protestos de junho¹⁷, as obras da Copa e seus impactos já eram pautas de mobilizações nas ruas. Em 2011, por exemplo, o Grito dos Excluídos protestou em diversas cidades brasileiras, entre outras causas, contra a desapropriação de áreas para a Copa¹⁸. Com a proximidade do evento, cresce o número de acontecimentos em que os gastos com a Copa do Mundo de 2014 e a desapropriação de áreas para a realização de obras para a competição constituem o pano de fundo para protestos e mobilizações¹⁹.

Em 7 de janeiro de 2014, moradores da Favela do Metrô, na Mangueira, no Rio de Janeiro, reuniram-se contra a desocupação e remoção de casas do local. Na manhã do dia 7, um grupo de moradores interditou ambos os sentidos da Avenida Radial Oeste. À noite, aconteceu um novo protesto e houve confronto entre os moradores e a Polícia Militar, que usou bombas de efeito moral para dispersar os manifestantes. A Avenida Radial Oeste foi bloqueada pelos moradores, que montaram barricadas com entulhos e pneus, posteriormente incendiados. Os motoristas que passavam no local desviavam pela Rua Radialista Waldir Amaral. As informações veiculadas na mídia de massa dão conta de que a Prefeitura do Rio de Janeiro afirmou ter iniciado a desocupação dos imóveis em 2010 e que 362²⁰ famílias, que viviam na região, já haviam sido transferidas para conjuntos habitacionais. A prefeitura afirmou que a operação de desocupação do dia 7 aconteceu, pois os imóveis teriam sido reocupados por outras pessoas, para as quais foi oferecido o abrigo municipal, que não teria sido aceito. Alguns moradores afirmam que os ocupantes das

¹⁷ Nas manifestações de junho de 2013, a Copa entrou no rol de causas apontadas nos protestos, em repúdio aos altos gastos públicos com grandes eventos esportivos internacionais. A Copa das Confederações, que aconteceu em meio aos atos, foi cenário de uma série de fatos, como a ocupação em frente ao estádio Mané Garrincha, em Brasília, que resultou em confronto entre manifestantes e o Batalhão de Choque. Em Minas Gerais, o Tribunal de Justiça emitiu proibição de interdição de vias urbanas em todas as cidades do estado enquanto a Copa das Confederações estivesse ocorrendo. No dia 17 de junho, cerca de 12 mil pessoas reuniram-se no centro de Belo Horizonte, em protesto aos gastos com a Copa das Confederações de 2013 e com a Copa do Mundo de 2014.

¹⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2011/09/grito-dos-excluidos-em-mt-protesta-contradesapropriacoes-para-copa.html>>. Acesso em: 13/1/2014.

¹⁹ Sobre o impacto econômico da Copa do Brasil, Proni e Silva (2012) apresentam uma análise expandida, disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/122700_TD211_Proni.pdf>.

²⁰ As matérias do G1 sobre o assunto ora mencionam o número de 362 famílias, ora de 662 famílias.

casas são moradores da favela, para os quais a Prefeitura tinha prometido moradia após a desocupação, o que não teria sido cumprido. No dia 9 de janeiro, a Prefeitura, após reunião com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e com a Defensoria Pública, decidiu fazer o cadastramento das famílias que estavam na Favela do Metrô até o início da demolição das casas. As famílias cadastradas devem receber aluguel social até a mudança para imóveis do programa do governo federal Minha Casa, Minha Vida.

■ Sobre as coberturas

G1

A partir de uma busca realizada com o termo “Mangueira”²¹ no G1, foram observadas todas as publicações sobre o fato (tabela 1)²², nos dias 7, 8, 9 e 10 de janeiro. A busca retornou sete matérias em texto publicadas no *site*, na seção regional do Rio de Janeiro, e três vídeos de reportagens que foram veiculadas nos telejornais *Bom Dia Rio*, *Jornal Hoje* e *RJTV* – essas reportagens aparecem separadamente e também inseridas em algumas das matérias textuais. No perfil do G1²³ no Twitter não foi publicado nenhum *tweet* sobre a desocupação. Na *fanpage* do G1²⁴ no Facebook, todas as publicações seguem o mesmo padrão, com uma imagem em .jpg com chamadas para matérias no *site*, sem nenhum *link* disponível – durante os dias observados, nenhuma menção à desocupação foi feita no Facebook do veículo.

No dia 7 de janeiro, o G1 Rio de Janeiro publicou três matérias noticiando as manifestações na Mangueira: a primeira pela manhã, quando a Radial Oeste e a Rua Francisco Xavier foram interditadas pelos moradores; a segunda falando sobre a ocupação das vias à noite; e a terceira recuperando os fatos do dia e noticiando o enfrentamento

²¹ A Favela do Metrô está localizada no bairro Mangueira. Por isso, tanto o G1 quanto o Mídia Ninja utilizavam “Mangueira” em suas publicações.

²² Tabela de dados disponível em: <<https://docs.google.com/spreadsheets/ccc?key=0AnAhKXRWHP8IdHZMVUVFMXVGUFpJbpmjM05MZmpsZFE&usp=sharing>>.

²³ Disponível em: <<http://twitter.com/g1>>.

²⁴ Disponível em: <<http://www.facebook.com/g1>>.

entre moradores e policiais no protesto que aconteceu à noite. Enquanto a matéria da parte da manhã afirmava que a interdição das vias pelos moradores ocorria em função da desocupação, a segunda matéria, veiculada à noite, afirmava que a causa da manifestação era a morte de um jovem num tiroteio que havia acontecido na noite do dia 4 de janeiro, entre policiais e manifestantes. Na terceira matéria, os protestos são novamente atribuídos à desocupação dos imóveis. O texto ainda aponta que em torno de 600 famílias, que moravam no local, já haviam sido removidas e reacomodadas sob o programa do governo federal Minha Casa, Minha Vida.

No dia 8 de janeiro, uma reportagem do *RJTV* recuperou os fatos, noticiando o protesto como devido à desocupação dos imóveis. Da mesma forma, uma reportagem mais curta no *Jornal Hoje* relata o protesto. A reportagem do *RJTV* menciona o número de 362 famílias já reacomodadas, diferentemente da matéria veiculada no *site* no dia anterior. A reportagem explica que, diferentemente do que se havia entendido antes, o protesto não era pela morte do jovem na noite de sábado. Na primeira matéria textual, acompanhada de fotos e da mesma reportagem do *RJTV*, o conteúdo destaca o reforço do policiamento após os protestos do dia 7, recupera os fatos da noite anterior e cita 362 como número de famílias reacomodadas. A segunda matéria textual, acompanhada de fotos, relata um novo protesto na noite de 8 de janeiro e utiliza vários trechos da outra matéria textual para contextualizar os fatos.

Duas matérias textuais com fotos foram publicadas no dia 9 de janeiro. A primeira fala da decisão tomada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em reunião com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e com a Defensoria Pública, de cadastrar as famílias que estavam na comunidade do Metrô até o início da demolição das casas, para que recebam aluguel social até se mudarem para imóveis do Minha Casa, Minha Vida. Uma reportagem do *RJTV* acompanha essa matéria e recupera a discussão entre moradores e Prefeitura, citando o número de 662 famílias já reacomodadas. A segunda matéria textual traz fotos e o relato de que os moradores da favela haviam interditado, novamente, na noite de 9 de janeiro, a Avenida Radial Oeste, em protesto contra as desocupações. Os

acontecimentos são recuperados na matéria, e novamente é citado que 662 famílias já estão morando em casas do Minha Casa, Minha Vida.

No dia 10 de janeiro, outra reportagem no *RJTV* afirma que alguns móveis permaneciam jogados na beira da Radial Oeste, e que a PM permanecia na favela. Sem relato de protestos, a reportagem recupera os enfrentamentos entre moradores e polícia acontecidos nos dias 7, 8 e 9, e também a interrupção de linhas de trem em função de objetos jogados por moradores da favela. A reportagem afirma que 662 famílias haviam sido reacomodadas e que outras pessoas haviam invadido o local. Menciona também o cadastramento das famílias que estavam na comunidade até o início da demolição das casas.

Mídia Ninja

A análise da cobertura do Mídia Ninja foi feita através da observação das publicações na *fanpage* no Facebook²⁵ (tabela 2)²⁶ e no perfil no Twitter²⁷ (tabela 3)²⁸. Das 21 publicações do Mídia Ninja no Twitter, nos dias 7, 8 e 9 de janeiro de 2014, sobre a desocupação de imóveis na Favela do Metrô, 18 foram de *links* para transmissões ao vivo realizadas por algum ninja através do Twitcasting. Além destes, um outro *tweet* também apontava um *link* de transmissão ao vivo, junto com outro *link* para uma publicação no Facebook. Outro *tweet* apontava para uma publicação no Facebook que apresentava um *link* para uma transmissão ao vivo. O *tweet* restante apontava para uma publicação no Facebook, na qual havia um texto acompanhado de uma foto.

No Facebook foram coletadas 14 publicações abordando o assunto da desocupação na Favela do Metrô. Onze dessas publicações indicavam *links* para transmissões ao vivo. Das duas outras publicações, uma continha texto e *link* para vídeo com depoimento de uma moradora da

²⁵ Disponível em: <<http://www.facebook.com/midiaNINJA>>.

²⁶ Tabela de dados disponível em: <<https://docs.google.com/spreadsheets/ccc?key=0AnAhKXRWHP8IdFpWZl8tLVlIRHVabnEtVWpDdE53Vnc&usp=sharing>>.

²⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/MidiaNINJA>>.

²⁸ Tabela de dados disponível em: <<https://docs.google.com/spreadsheets/ccc?key=0AnAhKXRWHP8IdFhUNFZlZW1HNkQwaUkyOTQ2LUd2elE&usp=sharing>>.

favela, e outra continha texto e *link* para vídeo feito pelo jornal *A Nova Democracia*.

As publicações no Twitter do Mídia Ninja começaram apenas a partir das 14h40 do dia 8 de janeiro, enquanto, no Facebook, a primeira publicação na *fanpage* sobre o assunto data do início da madrugada do dia 8, por volta de 0h00. O *tweet* que primeiro aparece no perfil do Mídia Ninja é para a publicação no Facebook que contém um texto de Ivana Bentes sobre o meme “Não vai ter Copa”²⁹. Ao final desse texto, há uma nota que explica que a criança na foto da publicação é moradora da Favela do Metrô, onde as desocupações tiveram início na noite anterior. No Facebook, a primeira publicação sobre o assunto explica brevemente que os moradores iniciaram protesto contra a desocupação e que a polícia militar encontrava-se no local. O *link* para a transmissão ao vivo aparecia ao final da publicação.

Tanto no Twitter quanto no Facebook do Mídia Ninja, o assunto aparece com frequência ao longo dos dias em que os protestos aconteceram na favela. Os acontecimentos são relatados sob diferentes formatos, e os conteúdos produzidos pelo coletivo circulam por Facebook, Twitter e Twitcasting, sem o compromisso de estabelecer uma periodicidade regular, nem mesmo seguir uma linha editorial voltada apenas para a distribuição de informação sobre o que se passa na favela. Além dos *links* com as transmissões ao vivo, que carregam a maior parte do teor informativo das publicações do coletivo, alguns poucos conteúdos esclarecem de forma mais estruturada e completa o que se passa na favela. A predominância da divulgação das transmissões ao vivo e a publicação de diferentes conteúdos em cada *site* pelo coletivo geram a percepção de que o Mídia Ninja não está preocupado em organizar uma cobertura linear e uniforme em todos os espaços *on-line* que utiliza. Assim como Gohn (2010) menciona que a apropriação de diferentes ferramentas é capaz de fortalecer possibilidades de articulação e estratégias de visibilidade

²⁹ A *hashtag* #naovaitercopa ganhou força no Twitter e no Facebook depois da veiculação de uma imagem no perfil oficial de Dilma Rousseff com a *hashtag* #vaitercopa. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=607535742633354&set=a.351365628250368.87876.351338968253034&type=1&stream_ref=10>.

de movimentos sociais, a circulação do conteúdo do Mídia Ninja é feita através de espaços diversos não por casualidade, mas por opção e, provavelmente, estratégia no sentido de ampliar o alcance das publicações, atingindo assim mais seguidores. O objetivo é cobrir ao vivo, mostrando o que acontece na favela, sem a preocupação de contextualizar os fatos e enumerar dados e fontes que conectem linearmente os acontecimentos – vide a divulgação de mais de um *link* de transmissão ao vivo em algumas publicações no Facebook.

A pluralidade de formatos e abordagens pelas quais o Mídia Ninja relata os fatos pode dificultar o entendimento da situação por um leitor com pouco entrosamento com as práticas do coletivo. Por outro lado, em nenhum momento da cobertura feita pelo Mídia Ninja percebe-se a confusão sobre o número de famílias já reacomodadas pela Prefeitura, enquanto no G1 esse número varia entre 300 e 600 famílias, dependendo da matéria ou reportagem publicada. No caso do Mídia Ninja, essa confusão não chega a se estabelecer, pois esses dados nem mesmo são mencionados. Esse dado também mostra como a repetição de uma informação é feita nos dois casos. No G1 a reiteração da informação sobre a reacomodação das famílias aparece em quase todas as publicações, através do texto ou da fala de jornalistas. Informações repetidas no Mídia Ninja também aparecem, porém distribuídas pelas publicações diversas e relatadas nas transmissões ao vivo realizadas por diferentes ninjas.

O G1 apresentou um caráter predominantemente jornalístico na cobertura dos protestos na favela, detendo-se no relato dos fatos (independentemente do ângulo de abordagem e do ponto de vista) e encurtando o caminho de contextualização, através da disponibilização de *links* para matérias relacionadas. Ainda que esses *links* buscassem situar o leitor sobre os acontecimentos na Mangueira, pouco ou quase nada foi mencionado nas matérias a respeito dos problemas gerados pela necessidade de desocupação de áreas para a realização de obras da Copa do Mundo – nesse sentido, a contextualização é limitada. O Mídia Ninja mesclou técnicas jornalísticas com práticas ativistas ao cotidiano de coleta e espalhamento de informações trabalhadas pelo coletivo para abordar as causas maiores do problema específico que acontecia na Mangueira. A

contextualização, diferentemente da forma realizada pelo G1, não recuperava *links* de publicações anteriores do coletivo, mas, através de textos, buscava elucidar as causas dos protestos contra a desocupação – o texto de Ivana Bentes, em publicação na *fanpage* do coletivo, discutia essencialmente os problemas que a Copa do Mundo vem trazendo ao país, para somente no final identificar a criança da imagem como uma moradora da favela recém-desocupada.

As finalidades inter-relacionadas, a partir das quais movimentos sociais dependem da mídia (GAMSON e WOLFSFELD, 1993 apud CAMMAERTS, 2013), também aparecem no cotidiano de publicações do Mídia Ninja, que chama os seguidores para acompanhar as transmissões ao vivo e “subir a *tag*”, como em publicação no Twitter. A mobilização de suporte político, o aumento da legitimidade e validação de demandas e a permissão para que a abrangência do conflito se expanda são retratados nos conteúdos que, além de relatarem os fatos ao vivo, chamam para a mobilização em torno dos atos. Há um incentivo à resistência por parte dos moradores da Favela do Metrô através do uso da *hashtag* #resistemangureira, que assina grande parte dos conteúdos e endereça a discussão pelas redes. Desse modo, as oportunidades de mediação aproveitadas pelo Mídia Ninja através dos *sites* de rede social servem como um canal alternativo de abordagem dos fatos. Enquanto o G1 exclui os espaços pelos quais o Mídia Ninja circula, restringindo suas publicações ao *site* de notícias, há uma construção paralela de discursos que circulam pela internet, porém a partir de mecanismos de circulação e distribuição diversos. Não são de interesse do G1 as finalidades buscadas pelo Mídia Ninja e, ainda que a mobilização do suporte político e o aumento da legitimidade sejam almejados pelo G1, essa busca acontece através de relações comerciais e financeiras – teoricamente fora da pauta do coletivo.

É fato que o jornalismo nos moldes da mídia de massa não se configura nas publicações do Mídia Ninja, e certamente não é objetivo do coletivo. No entanto, algumas práticas são reproduzidas no cotidiano do coletivo. Ainda que a colaboração pautas as ações de cobertura dos fatos, o modelo distributivo das mídias de massa ainda se manifesta diante da

escassez dialógica muitas vezes característica das rotinas do Mídia Ninja. A midiaticização das práticas ativistas, se por um lado colabora para a ampliação da visibilidade das causas e para o engajamento nas ações coletivas, por outro reflete a dependência do elemento tecnológico para a comunicação do coletivo. Novas práticas sociais (FAUSTO NETO, 2008), oriundas antes da implementação do Mídia Ninja, fazem parte da cobertura do coletivo, e a transmissão ao vivo feita por múltiplos olhos é o que mais tem diferenciado o modelo ainda em construção, empregado por esses grupos, do modelo adotado pela mídia de massa.

Considerações finais

Algumas limitações, de ambas as coberturas, refletem traços prematuros sobre a concepção de um novo modelo baseado em práticas sociais coletivas. O modelo híbrido e emergente baseado no espalhamento apontado por Jenkins, Ford e Green (2013) não se configura plenamente no cotidiano do coletivo, mas indica traços de práticas capazes de reconfigurar lógicas e comportamentos. O ambiente social midiaticizado (ASSIS, 2006) no qual se encontram G1 e Mídia Ninja sofre, de fato, transformações decorrentes do desenvolvimento e da apropriação tecnológica, assim como esse desenvolvimento também interfere na apropriação e na criação de novas ferramentas e formatos que fazem parte dos processos de produção e circulação de conteúdos midiáticos.

A noção de tecnopolítica de Toret (2012) permeia as práticas do coletivo, que convergem táticas ativistas com táticas midiáticas na tentativa de transformar a comunicação de movimentos e mobilizações em processos mais democráticos. A midiaticização desses processos por vezes remonta a velhas práticas, inicialmente rechaçadas, porém reproduzidas dentro de um contexto em que a lógica da rede e a colaboração que embasa os processos seriam capazes de subverter.

Referências

- ASSIS, É. G. *Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- BAUDRILLARD, J. *Requiem for the media*. For a Critique of the Political Economy of the Sign. Trans. Charles Levin. Saint Louis, Mo.: Telos Press, 1981. p. 164–184. Reprinted in *Video Culture: A Critical Investigation*. Ed. John Hanhardt. Rochester, N.Y.: Visual Studies Workshop Press. Dist. Layton, Utah: Peregrine Smith Books, 1986. From the French *Pour une critique de l'economie politique du signe*. Paris: Gallimard, 1972.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia: algumas propriedades dos campos*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CAMMAERTS, B. Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação. *Matrizes* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, ano 7, n. 2, p. 13-36, jul./dez. 2013.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Networks of outrage and hope*. Politik. United States: Wiley, 2012.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 1994.
- CLINIO, A. A ação política no cotidiano: a mídia tática como conceito operacional para pesquisas em mídia, cotidiano e política. *Mídia e Cotidiano* – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, n. 1, p. 169-188, jan./abr. 2013.
- DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Matrizes* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, ano 7, n. 2, p. 49-74, jul./dez. 2013.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma análise da midiática. *Revista Matrizes*, n. 2, abril 2008. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/MATRIZES/article/view/5236/5260>>. Acesso em: 17/1/2014.
- FERREIRA, J. A comunicação como questão no âmbito das hipóteses sobre a midiática (Um problema a ser revelado). *Revista Ghrebh*, v. 1, n. 18, 2012. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=439>>. Acesso em: 13/1/2014.
- GAMSON, W. A.; WOLFSFELD, G. Movements and Media as Interacting Systems. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 526: 114–27. 1993.
- GARCIA, D.; LOVINK. The ABC of Tactical Media. Geert (1997). Disponível em: <<http://amsterdam.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9705/msg00096.html>>. Acesso em: 13/1/2014.
- GOHN, M. G. M. *Movimentos sociais e redes de mobilização cívica no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Novas teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 2004.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*. New York: New York University Press, 2013.

- MALINI, F.; ANTOUN, H. *@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MEIKLE, G. *Future Active: Media Activism & the Internet*. Londres: Routledge, 2002.
- MONTERDE, A.; POSTILL, J. 2013. Mobile ensembles: The uses of mobile phones for social protest by Spain's indignados. In: GOGGIN, G.; HJORTH, L. *Routledge Companion to Mobile Media*. Disponível em: <<http://civilsc.net/node/47>>. Acesso em: 17/1/2014.
- PRONI, M. W.; SILVA, L. O. Impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014: projeções superestimadas. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 211, out. 2012. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/122700_TD211_Proni.pdf>. Acesso em: 17/1/2014.
- RECUERO, R. *Warblogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo On-line*. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>>. Acesso em: 21/1/2014.
- TORET, J. Una mirada tecnopolítica sobre los primeros días del #15M. *Comunicación y Sociedad Civil*. 2012. Disponível em: <<http://civilsc.net/node/14>>. Acesso em: 17/1/2014.